



SEGUNDA EDIÇÃO
**FORMAÇÃO EM ESTRATÉGIAS
DE EMPODERAMENTO
DE ADOLESCENTES
E JOVENS EM SITUAÇÃO
DE VULNERABILIDADE
SOCIAL - JAVU**

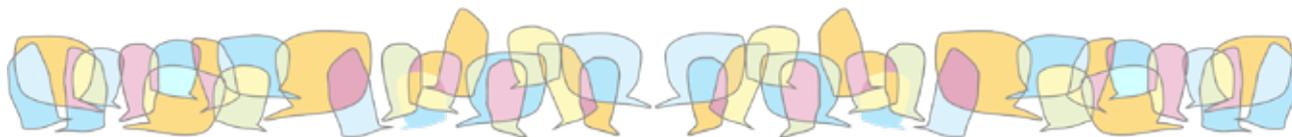
RACKYNELLY ALVES SARMENTO SOARES
ANDRÉ RIBEIRO DA SILVA
MARIA FATIMA DE SOUSA
JITONE LEÔNIDAS SOARES
ANA VALÉRIA MACHADO MENDONÇA
(ORGANIZADORES)

2020



MINISTÉRIO DA
SAÚDE





Formação em estratégias de empoderamento de adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social – JAVU

2ª Edição

Ficha Técnica

Esta obra é licenciada nos termos Creative Commons, sendo todos os direitos reservados. É permitida a reprodução, disseminação e utilização desta obra, em parte ou em sua totalidade, desde que citada a fonte.

© 2020

Universidade de Brasília - UnB
NESP – Núcleo de Saúde Pública

Coordenação do Curso Técnico-Pedagógica
Coordenadora UTICS e Coordenadora do NESP/UnB
Prof.^a Dra. Ana Valéria Machado Mendonça

UEPSF (Unidade de Estudos de Saúde da Família)

Coordenadora técnica do curso
Prof.^a Dra. Rackynelly Alves Sarmento Soares

Docentes e conteudistas

Módulo 1

Prof Me Doutorando Jitone Leônidas Soares

Módulo 2

Prof^a Dra. Clélia Maria de Sousa Ferreira Parreira

Módulo 3

Prof^a Dra. Silvia Renata Lordello

Módulo 4

Prof^a Ma. Elizabeth Alves de Jesus Prado

Módulo 5

Prof^a Dra. Dais Gonçalves Rocha e Gabriela Fogaça

Módulo 6

Prof^a Dra. Juliane Andrade e

Prof^a Dra. Andréa Leite Ribeiro

Módulo 7

Prof^a Dra. Sheila Giardini Murta

Módulo 8

Prof^a Dra. Marlúcia Ferreira do Carmo e

Prof^o Lucas Alves Bezerra

Módulo 9

Prof^o Dr. Edu Turte Cavadinha

Módulo 10

Prof^a Maíra Gussi de Oliveira, Prof^a Dra. Maria Aparecida Gussi e Prof^a Dra. Maria da Glória Lima

Topografia Social

Prof^a Dra. Rudgy Pinto de Figueiredo e

Prof^a Dra. Vilma de Lurdes Barbosa e Melo

Equipe técnica e produção de EaD

Rafael Valentim

Prof. Me. João Paulo Fernandes da Silva

Prof.^a Dra. Rackynelly Alves Sarmento Soares

Coordenador de Produção de Educação a Distância

Prof. Me. Doutorando Jitone Leônidas Soares

Coordenador Pedagógico

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva

Revisor de Textos

Prof. Flávio Rossi de Oliveira Reis

Designer Instrucional

Prof.^a Dra. Rosana Amaro

Designer Gráfico

Daniel Alves Tavares

Web Designer

Gabriel Cavalcanti D'Albuquerque Magalhães

Ilustrador de EaD

Cristiano Silva Gomes

Editor 2/3 D

Cristiano Alves de Oliveira





SEGUNDA EDIÇÃO
**FORMAÇÃO EM ESTRATÉGIAS
DE EMPODERAMENTO
DE ADOLESCENTES
E JOVENS EM SITUAÇÃO
DE VULNERABILIDADE
SOCIAL - JAVU**

RACKYNELLY ALVES SARMENTO SOARES
ANDRÉ RIBEIRO DA SILVA
MARIA FATIMA DE SOUSA
JITONE LEÔNIDAS SOARES
ANA VALÉRIA MACHADO MENDONÇA
(ORGANIZADORES)

2020

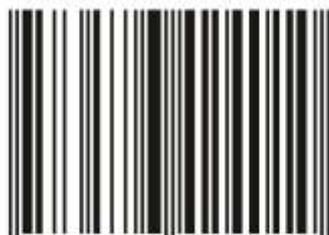


MINISTÉRIO DA
SAÚDE



ISBN: 978-65-86424-01-0

CSL



9 786586 424010

MÓDULO I
AMBIENTAÇÃO
EM EAD

6

MÓDULO II
EDUCAÇÃO
EM SAÚDE

46

MÓDULO III
JOVENS E
ADOLESCENTES
CONCEITOS
E DEFINIÇÕES

81

MÓDULO IV
POLÍTICAS
PÚBLICAS DE SAÚDE

117

MÓDULO V
REDES
DE PROTEÇÃO

158

MÓDULO VI
VULNERABILIDADE DE
CRIANÇAS E
ADOLESCENTES NO
CONTEXTO ESCOLAR

199

MÓDULO VII
PREVENÇÃO À
VIOLÊNCIA NO
NAMORO ENTRE
JOVENS

233

MÓDULO VIII
DIREITOS SEXUAIS
E REPRODUTIVOS
DE ADOLESCENTES
E JOVENS

269

MÓDULO IX
GÊNERO
NA ESCOLA

300

MÓDULO X
PREVENÇÃO AO USO
DE ÁLCOOL E OUTRAS

332

SOBRE OS
AUTORES

367

PREFÁCIO

Este livro foi desenvolvido, especialmente, para o projeto de extensão “Curso de formação em estratégias de empoderamento de adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social”, da Universidade de Brasília, coordenado por pesquisadores do Núcleo de Estudos em Saúde Pública (NESP/CEAM/UnB).

Carinhosamente chamado de Curso JAVU, por entendermos que a violência acontece em ciclos, e entre grupos populacionais específicos, situação que nos remete a expressão francesa *déjà vu* e também por fazer referência aos Jovens e Adolescentes em situação de Vulnerabilidade. O que queremos? Que esse ciclo não mais exista e é nessa direção que caminhamos.

O Curso JAVU foi desenhado para professores de escolas públicas do Brasil. Tem como objetivo contribuir para o desenvolvimento de uma cultura inclusiva, emancipatória, não discriminatória, de respeito à diversidade e de cultura de paz no contexto escolar, de modo a promover a saúde de adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social.

Para percorrer essa caminhada, organizamos este livro em dez capítulos, ordenados conforme a sequência didática do Curso JAVU em seu Ambiente Virtual de Aprendizagem. Os princípios básicos da promoção da saúde dos adolescentes e jovens são aqui expressos utilizando uma linguagem simples, leve e fluida, adequada a Educação a Distância.

Em todos os capítulos podemos encontrar sugestões de atividades práticas a serem desenvolvidas na escola, todas alinhadas com os conceitos da Promoção da saúde e objetivando fortalecer as redes de proteção pertinentes aos jovens e adolescentes. A ideia é potencializar a escola como um espaço promotor de saúde.

Finalmente, demonstramos nossa gratidão aos professores do Brasil que participaram/participam do nosso curso, os quais possibilitaram a capilarização de ações promotoras de saúde no âmbito escolar, contribuindo para a prevenção das situações de risco dos adolescentes e jovens, sobretudo, entre aqueles inseridos em situação de vulnerabilidade.

Os organizadores

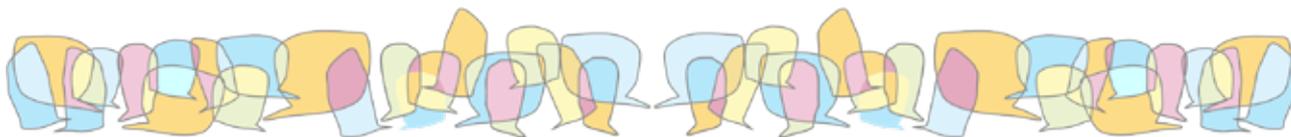


MÓDULO VII

**PREVENÇÃO À
VIOLÊNCIA NO
NAMORO ENTRE
JOVENS**

SHEILA GIARDINI MURTA

2020



Módulo VII

Prevenindo a Violência no Namoro na Escola

Ficha Técnica

Esta obra é licenciada nos termos Creative Commons, sendo todos os direitos reservados. É permitida a reprodução, disseminação e utilização desta obra, em parte ou em sua totalidade, desde que citada a fonte.

© 2020

Universidade de Brasília - UnB
NESP – Núcleo de Saúde Pública

Coordenação do Curso Técnico-Pedagógica
Coordenadora UTICS e Coordenadora do NESP/UnB
Prof.^a Dra. Ana Valéria Machado Mendonça

UEPSF (Unidade de Estudos de Saúde da Família)

Coordenadora técnica do curso
Prof.^a Dra. Rackynelly Alves Sarmento Soares

Docentes e conteudistas

Módulo 1

Prof Me Doutorando Jitone Leônidas Soares

Módulo 2

Prof.^a Dra. Clélia Maria de Sousa Ferreira Parreira

Módulo 3

Prof.^a Dra. Silvia Renata Lordello

Módulo 4

Prof.^a Ma. Elizabeth Alves de Jesus Prado

Módulo 5

Prof.^a Dra. Dais Gonçalves Rocha e Gabriela Fogaça

Módulo 6

Prof.^a Dra. Juliane Andrade e

Prof.^a Dra. Andréa Leite Ribeiro

Módulo 7

Prof.^a Dra. Sheila Giardini Murta

Módulo 8

Prof.^a Dra. Marlúcia Ferreira do Carmo e

Prof.^o Lucas Alves Bezerra

Módulo 9

Prof.^o Dr. Edu Turte Cavadinha

Módulo 10

Prof.^a Maíra Gussi de Oliveira, Prof.^a Dra. Maria Aparecida Gussi e Prof.^a Dra. Maria da Glória Lima

Topografia Social

Prof.^a Dra. Rudgy Pinto de Figueiredo e

Prof.^a Dra. Vilma de Lurdes Barbosa e Melo

Equipe técnica e produção de EaD

Rafael Valentim

Prof. Me. João Paulo Fernandes da Silva

Prof.^a Dra. Rackynelly Alves Sarmento Soares

Coordenador de Produção de Educação a Distância

Prof. Me. Doutorando Jitone Leônidas Soares

Coordenador Pedagógico

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva

Revisor de Textos

Prof. Flávio Rossi de Oliveira Reis

Designer Instrucional

Prof.^a Dra. Rosana Amaro

Designer Gráfico

Daniel Alves Tavares

Web Designer

Gabriel Cavalcanti D'Albuquerque Magalhães

Ilustrador de EaD

Cristiano Silva Gomes

Editor 2/3 D

Cristiano Alves de Oliveira





MÓDULO VII

**PREVENÇÃO À
VIOLÊNCIA NO
NAMORO ENTRE
JOVENS**

SHEILA GIARDINI MURTA

CARGA HORÁRIA: 15 HORAS

2020

SOBRE A AUTORA
SHEILA GIARDINI MURTA

7

1. APRESENTAÇÃO
DO MÓDULO

8

2. OBJETIVO
GERAL

9

3. VIOLÊNCIA NO NAMORO:
BEM MAIS PERTO DE NÓS
DO QUE GOSTARÍAMOS

10

4. CUSTOS DA VIOLÊNCIA
NO NAMORO:
O QUE CONTAM
AS CICATRIZES

14

5. DETERMINANTES DA
VIOLÊNCIA NO NAMORO:
RAÍZES SOCIAIS
E RELACIONAIS

16

6. PREVENÇÃO À
VIOLÊNCIA NO NAMORO:
COMO FAZER?

20

7. O QUE A ESCOLA PODE
FAZER PARA PREVENIR
A VIOLÊNCIA
NO NAMORO

24

8. UMA PALAVRA FINAL:
EM DEFESA DE AMORES
QUE NOS FAZEM
FLORESCER!

28

9. CONSIDERAÇÕES
FINAIS

30

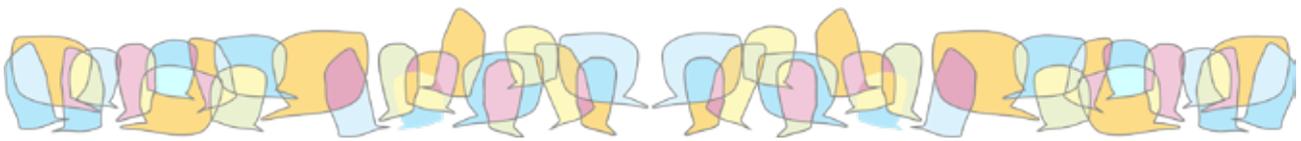
REFERÊNCIAS

31

AVALIAÇÃO

34





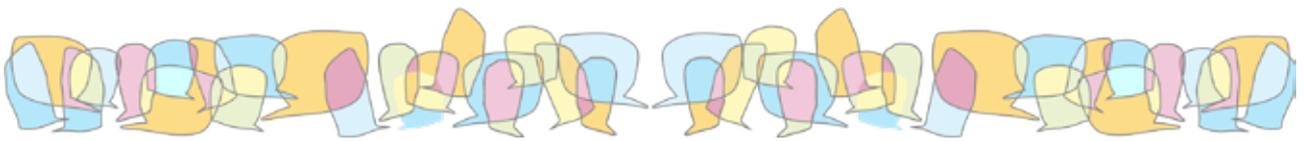
SOBRE A AUTORA

SHEILA GIARDINI MURTA

Sheila Giardini Murta é Mestre em Psicologia do Desenvolvimento Humano e Doutora em Psicologia Social. É, também, Professora Associada na Universidade de Brasília, Brasília.

Email: giardini@unb.br





I. APRESENTAÇÃO DO MÓDULO DE AMBIENTAÇÃO

240

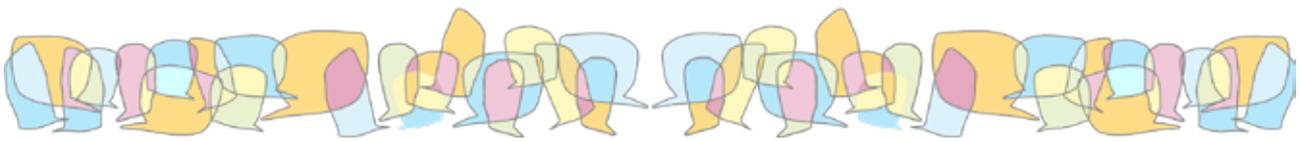
Prezado Professor,

Este módulo é dedicado à discussão da violência nas relações afetivo-sexuais entre adolescentes, no contexto educacional, assim como discutirá como os professores podem se tornar agentes de prevenção desse tipo de agressão.

EMENTA

Caracterização da violência no namoro. Impacto sobre a saúde e o desenvolvimento na adolescência. Fatores de risco e protetivos. Estratégias preventivas à violência no namoro: oficinas breves, oficinas continuadas e educação de pares.





2. OBJETIVO

GERAL



Espera-se que este texto contribua para que o professor passe a reconhecer a violência nas relações afetivo-sexuais e, assim, aumente a sua autoconfiança para lidar com a temática, numa perspectiva preventiva e educativa, de modo a fortalecer o papel protetivo da escola.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS



Aumentar o conhecimento do professor acerca da violência no namoro, de suas manifestações, impactos e fatores de risco e protetivos;



Fortalecer a percepção do professor acerca da severidade do fenômeno e seus desdobramentos nas trajetórias de desenvolvimento na adolescência e vida adulta; e



Instrumentalizar o professor para incorporar, em sua prática docente, ações preventivas à violência no namoro.

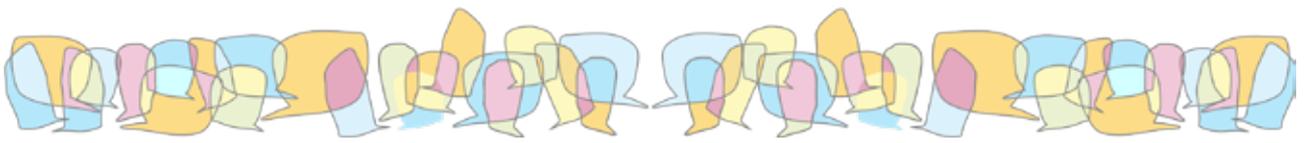
241

CARGA HORÁRIA: 15 H/A

DESENVOLVIMENTO

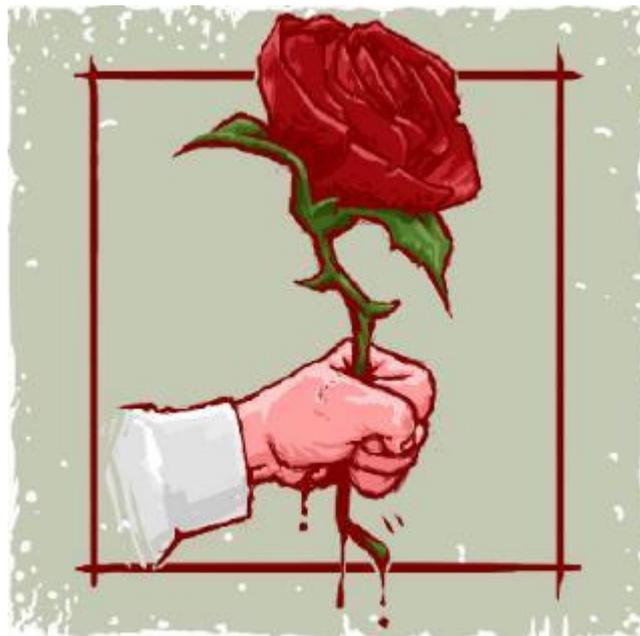
A violência nas relações afetivo-sexuais, de curta ou longa duração, com menor ou maior compromisso, é algo muito comum na adolescência, tanto no Brasil (OLIVEIRA et al., 2011) quanto em outros países (LEEN et al., 2013). Este capítulo usará o termo “violência no namoro”, por ser um termo de fácil compreensão e que localiza a violência nas relações íntimas pré-matrimoniais. Contudo, cabe salientar que este tipo de violência pode ocorrer em relações esporádicas, como o *ficar*, ou até mesmo em relações estáveis, como o noivado. A violência no namoro pode ser compreendida como uma precursora da violência doméstica, violência intrafamiliar e violência contra o parceiro íntimo, vividas por casais adultos ou por casais casados.

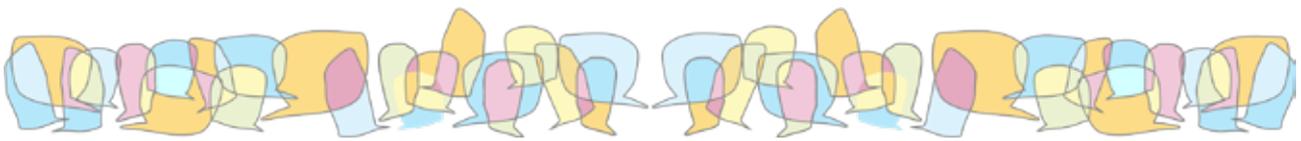




3. VIOLÊNCIA NO NAMORO: BEM MAIS PERTO DE NÓS DO QUE GOSTARÍAMOS

242





Professor, todos nós temos alguma história sobre violência no namoro para contar, ou vivida por alguma celebridade, ou por alguém que conhecemos, quando não na nossa própria casa. Um estudo realizado por pesquisadores da Fiocruz, com mais de 3.000 adolescentes de ensino médio de escolas públicas e privadas de dez capitais do Brasil, identificou que 8 em cada 10 adolescentes já foram vítimas ou autores de violência nas relações afetivo-sexuais (OLIVEIRA et al., 2011). A violência, reportada nesse estudo, era praticada tanto por meninos quanto por meninas e, frequentemente, era bidirecional, ou seja, era mútua (ser agredido e agredir de volta, agredir e ser agredido).

As formas mais comuns de violência no namoro entre adolescentes brasileiros são a violência emocional ou psicológica (como insultar, ridicularizar e vigiar), seguidas pela violência sexual (como fazer sexo à força e forçar beijo), ameaças (como ameaçar machucar, destruir algo de valor ou bater), violência física (como jogar algo contra o outro ou dar socos) e, por último, violência relacional (como espalhar boatos e tentar virar os amigos contra o parceiro) (OLIVEIRA et al., 2011).

Uma outra classificação de violência, adotada pela Lei Maria da Penha, é a violência psicológica (como controlar o parceiro por ciúmes), violência física (como espancar), violência sexual (como obrigar o parceiro a fazer sexo), violência moral (como difamar) e violência patrimonial (como usar os bens do parceiro indevidamente ou destruí-los, como arquivos, fotos, roupas, carro e cartão de crédito) (MURTA et al., 2011).

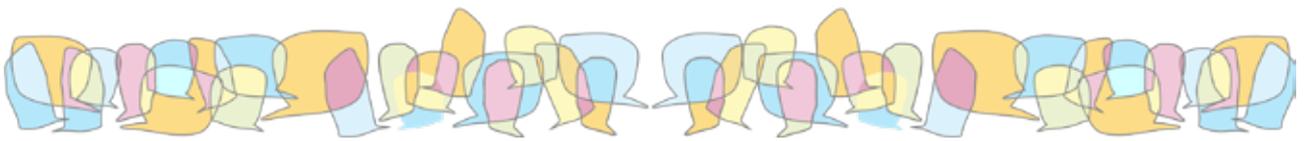
Em Recife, por exemplo, achados de uma pesquisa com 355 adolescentes mostraram que 83,9% deles relataram viver violência mútua, conforme avaliação feita por uma escala que avaliava ações violentas praticadas (ex.: eu falei em tom de voz hostil com ele(a)) e recebidas (ex.: ele(a) falou em tom de voz hostil comigo). (BARREIRA et al., 2014). Dessa forma, constatou-se que a **violência emocional ou psicológica** foi a que predominou entre adolescentes recifenses, tanto para vitimização quanto perpetração da violência.

Padrões de violência mútua - ser agredido e agredir de volta, agredir e ser agredido - parecem ser muito comuns nas relações amorosas e afetivas entre adolescentes.

Nesta categoria, estão incluídas agressões como, por exemplo, culpar o outro pelo problema, ameaçar terminar o relacionamento, fazer algo para provocar ciúmes, mencionar algo de ruim que o outro fez, dizer coisas somente para deixá-lo com raiva, insultar com deprecições, vigiar com quem e onde o(a) namorado(a) está, acusar o(a) namorado(a) de paquerar outra(o) garota(o), ameaçar terminar o relacionamento e ridicularizar ou caçoar da(o) namorada(o) na frente dos outros.

Experiências de violência no namoro, apesar de frequentes, são invisibilizadas, especialmente, quando de natureza psicológica (ALDRIGHI, 2004), tais como cerceamento da liberdade e proibições, muitas vezes não reconhecidas pelos adolescentes como violência (NASCIMENTO; CORDEIRO, 2011). Nesse sentido, adolescentes que praticam violência psicológica expõem seus parceiros à rejeição, isolamento, controle, culpabilização, humilhação e ameaças (OLIVEIRA et al., 2014). Sentir-se confuso, diminuído e perdido, sem conseguir reconhecer o que se passa e sem saber a quem pedir ajuda, é algo muito comum. A sensação de confusão é ainda mais acentuada quando a relação é marcada por uma mistura de vivências positivas e negativas.





Para que você, professor, possa desempenhar seu papel educativo e promotor do desenvolvimento global de seus alunos (para além do conhecimento e habilidades específicas de sua área de conhecimento), é preciso - antes de tudo - reconhecer o problema e trazê-lo à luz, seja ele qual for. Por isto, prestar atenção nos padrões relacionais, nas relações amorosas com os quais convivemos, seja numa esfera microssocial (como na família e escola) ou macrossocial (como na mídia e sociedade), ontem e hoje, é fundamental!

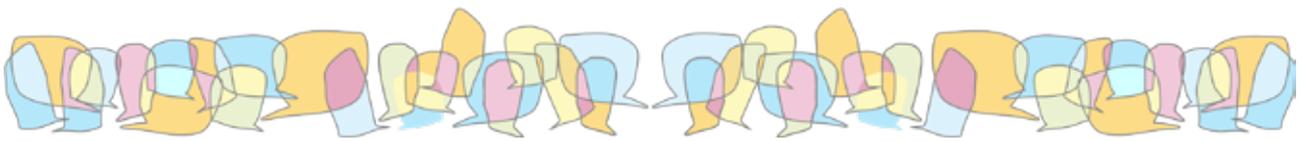


Para refletir

Professor, esclareça para seus discentes que a violência no namoro não é apenas estuprar e agredir fisicamente, mas vai muito além. Se você achar oportuno, use o exercício abaixo, pois ele se trata de uma escala que descreve as várias formas de violência, recebidas e praticadas, que ouvimos de jovens que foram vítimas de violência no namoro (MURTA et al., 2014). Ela pode ser útil para a tomada de consciência sobre violências vividas e devolvidas. É claro, só enxergar o problema não é suficiente. Mas, sem isso, a mudança não acontece. Assim, tudo começa com a ampliação do olhar: ver para agir!

	Nada a ver com a gente				Tudo a ver com a gente
	1	2	3	4	5
Em discussões acaloradas, eu o/a empurrei					
Em discussões acaloradas, ele/a me empurrou					
Eu o/a obriguei que me beijasse, sem ele/a querer					
Ele/a me obrigou a beijá-lo/a, sem eu querer					
Eu o/a obriguei a fazer sexo, sem ele/a querer					
Ele/a me obrigou a fazer sexo, sem eu querer					
Eu já inventei mentiras sobre ele/a para atingi-lo/a					
Ele já inventou mentiras sobre mim para me atingir					
Eu divulguei conteúdos íntimos dele/a nas redes sociais para prejudicá-lo/a					
Ele divulgou conteúdos íntimos meus nas redes sociais para me prejudicar					
Eu o/a humilhei em público					
Ele me humilhou em público					
Eu provoquei ciúmes intencionalmente nele/a					



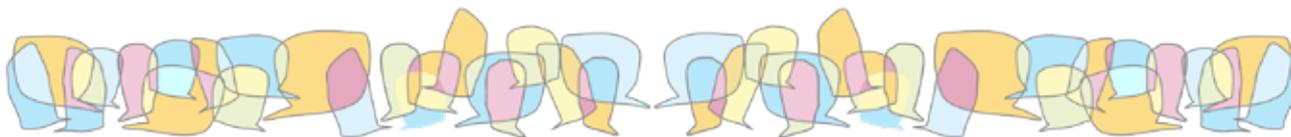


	Nada a ver com a gente				Tudo a ver com a gente
	1	2	3	4	5
Ele me provocou ciúmes intencionalmente					
Eu o/a xinguei e desqualifiquei					
Ele/a me xingou e desqualificou					
Eu negligenciei (deixei de cuidar, fiz pouco caso, fiz de conta que não vi) necessidades ou insatisfações dele					
Ele/a negligenciou (deixou de cuidar, fez pouco caso, fez de conta que não viu) necessidades ou insatisfações minhas					
Eu destruí bens materiais dele/a, como fotos, celular, carro, etc					
Ele destruiu bens materiais meus, como fotos, celular, carro, etc					
Eu fiquei com ele/a por interesse (status, riqueza, "subir na vida", etc)					

Se você está namorando atualmente, como você avalia a qualidade de sua relação de namoro?

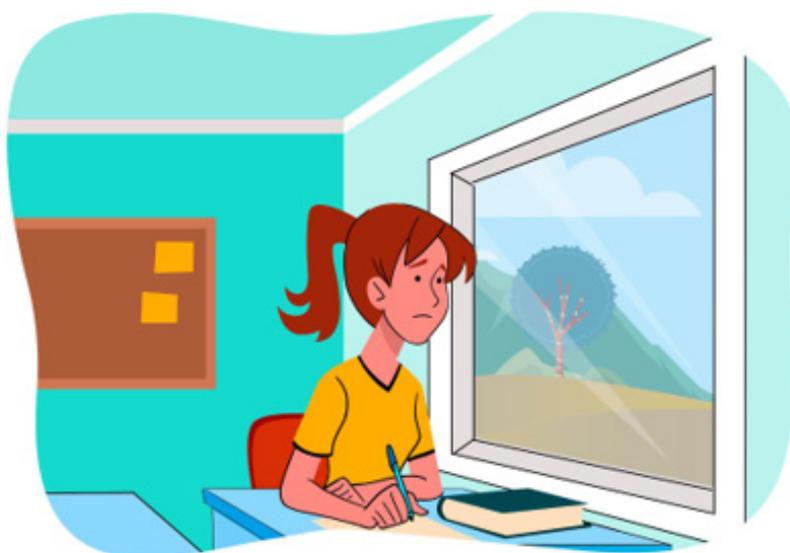
OBS: Respostas mais próximas de "tudo a ver com a gente" indicam maior vivência de violência no namoro, enquanto respostas mais próximas de "nada a ver com a gente" indicam menor vivência de violência no namoro.

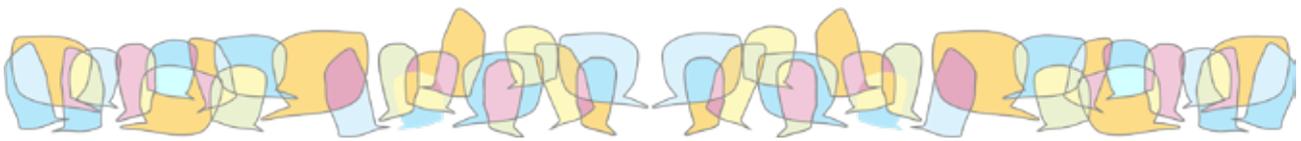




4. CUSTOS DA VIOLÊNCIA NO NAMORO: O QUE CONTAM AS CICATRIZES

246





Você, muito provavelmente, já conhece a história de Maria da Penha, a mulher cujo nome foi usado para nomear a Lei no 11.340/2006 ou Lei de combate à violência contra a mulher no Brasil. Maria da Penha, farmacêutica e cearense, era casada quando seu marido tentou matá-la duas vezes e, em resultado das violências sofridas por ela, tornou-se paraplégica.

É bem provável que você já tenha ouvido notícias sobre jovens que mataram a namorada e se mataram em seguida. Em casos extremos, a violência no namoro pode resultar em homicídio, suicídio, ferimentos severos contra o outro ou contra si mesmo, como cortar o próprio corpo, especialmente quando do término do namoro (BAKER et al., 2015). Mortes e lesões graves ocorrem mais frequentemente com meninas e mulheres, que também fazem mais uso de serviços de emergência do que os homens (WORLD HEALTH ORGANIZATION/ LONDON SCHOOL OF HYGIENE AND TROPICAL MEDICINE, 2010).



Fique de olho

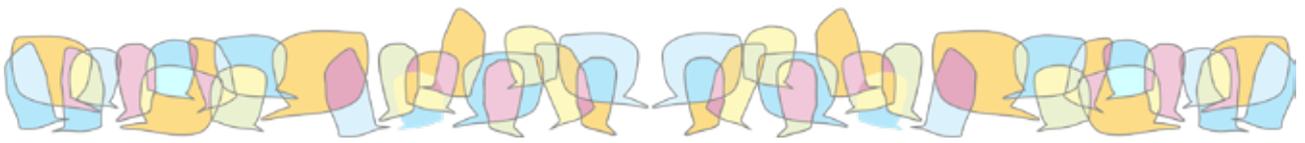
Preste atenção se as perdas no desempenho acadêmico de seus alunos e alunas, como falta de concentração, falta às aulas, desmotivação com o estudo, desengajamento das tarefas e perda de notas, estão associadas às vivências de vitimização por violência no namoro. Ouvir sem julgamento e valorizar a experiência do adolescente é o primeiro passo. Ser ferido por quem se ama e ferir a quem se ama não são pouca coisa!

247

A violência no namoro também tem custos para a saúde mental e desenvolvimento psicossocial dos adolescentes. Outros impactos da violência no namoro documentados entre adolescentes de todo o mundo incluem abuso de drogas, depressão e transtorno de estresse pós-traumático (pesadelos, pensamen-

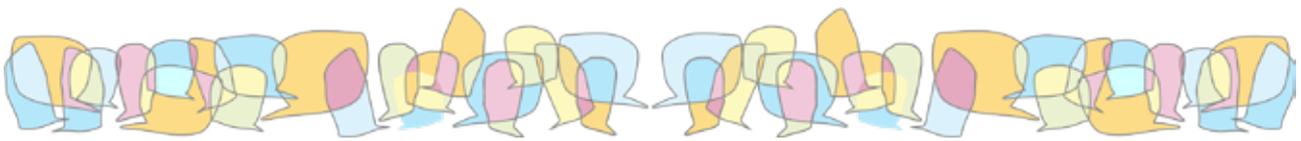
tos repetitivos, perda de concentração e tristeza), o que pode requerer ajuda especializada. Um dos custos mais graves da violência é a sua transmissão intergeracional: filhos e netos seguem sendo violentos ao aprenderem a violência como forma de ser e conviver (LEEN et al., 2013).





5. DETERMINANTES DA VIOLÊNCIA NO NAMORO: RAÍZES SOCIAIS E RELACIONAIS





Muitos pesquisadores mundo afora têm estudado o que existe de particular nas trajetórias de vida de adolescentes que praticam a violência ou são vítimas dela pelos seus parceiros (OLIVEIRA et al., 2014; VAGI et al., 2013). Determinantes familiares, dos pares e da cultura, têm sido, consensualmente, identificados em pesquisas sobre os fatores que aumentam o risco de vitimização por violência no namoro, isto é, de aceitar ou submeter-se a um(a) parceiro(a) violento(a). Veja a seguir:

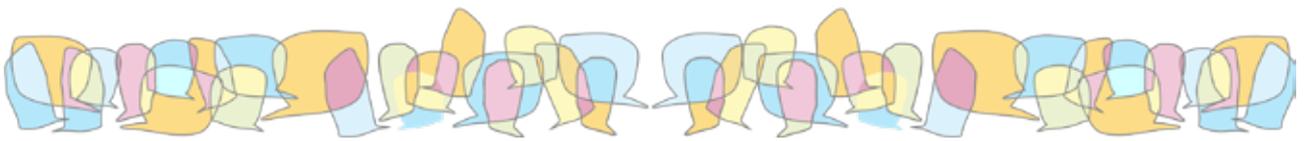
- Conviver com pais que se agridem no casamento;
- Ser vítima de maus tratos pelos pais na infância;
- Conviver com familiares que explodem e são brutos quando com raiva;
- Conviver com irmãos violentos;
- Conviver com colegas que vivem namoros violentos;
- Conviver com colegas que endossam a violência como forma de resolver conflitos;
- Conviver em comunidades que endossam o controle da mulher pelo homem; e
- Conviver em sociedades com leis permissivas e tolerantes para com a violência

Como você pode notar, tudo se resume a conviver com a violência em vários espaços e, assim, aprender a ser violento ou tolerar a violência como inerente à vida. Essas influências comunitárias, familiares e dos amigos resultam em atitudes de aceitação da violência no namoro como sendo algo normal (“é assim mesmo!”). Além disso, ensinam formas de amar baseadas em “tapas e beijos” e em desrespeito à individualidade do outro. E, o mais grave, faz com que aceitemos relacionamentos piores do que os que poderíamos viver; faz com que nos contentemos com pouco.

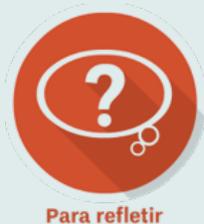
Além desses determinantes culturais, dos pares e relacionais, existem também determinantes pessoais, que são características que se manifestam na pessoa que aumentam sua vulnerabi-

lidade para tolerar relações violentas. Alguns desses determinantes pessoais incluem atitudes de aceitação da violência como forma natural de se relacionar, estratégias negativas de resolução de conflitos, falta de conhecimento sobre relacionamentos positivos, abuso de álcool, depressão, ansiedade, imagem corporal negativa, vínculo afetivo inseguro (MURTA et al., 2014) e esquemas disfuncionais, como sentir-se indigno de ser amado, sacrificar-se pelos outros para ser amado, sentir-se defeituoso ou fracassado (BORGES, 2018). É claro! Esses determinantes pessoais são aprendidos e, portanto, são também de origem relacional, visto que não nascemos assim, mas nos tornamos desse jeito a partir das interações estabelecidas nos vários contextos em que vivemos ao longo da vida.





Tão importante quanto conhecer os fatores de risco para a vitimização, é conhecer os fatores que inibem os efeitos dos fatores de risco, chamados fatores de proteção, ou “vacinas psicossociais”. Entre as “vacinas” mais conhecidas, para a vitimização pelo parceiro íntimo no namoro, estão o vínculo afetivo seguro e as habilidades de regulação emocional. Dessa maneira, quando o adolescente tem experiências de vínculos afetivos seguros com seus pais (ou outros que ocupam o lugar de pai ou mãe), tornam-se facilitadas a aprendizagem de formas positivas de resolução de conflitos e manejo das emoções e desenvolve-se uma lente para perceber a si mesmo como merecedor de amor (MURTA et al., 2019), reduzindo-se – assim - as chances de aceitação de relações abusivas. Em outras palavras, aprende-se a amar sendo amado; aprende-se a resolver conflitos sem violência, observando figuras de referência que o fazem.



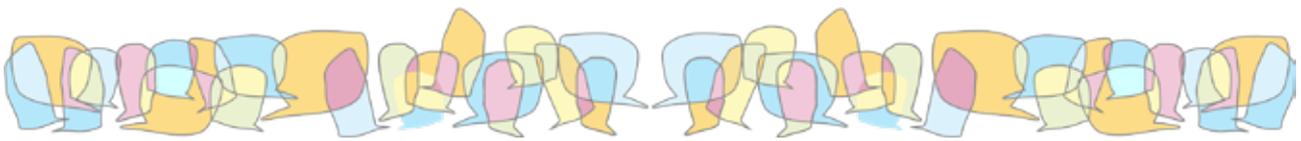
OBSERVE AS LETRAS DE MÚSICA DE TODOS OS TIPOS: SERTANEJO, SAMBA, MPB... VOCÊ VERÁ QUE A VIOLÊNCIA PRATICADA NAS RELAÇÕES AMOROSAS É MUITO CANTADA. AS MÚSICAS, E OUTRAS PRODUÇÕES CULTURAIS, PODEM FORTALECER (OU ENFRAQUECER) ESTE TIPO DE CULTURA PRÓ-VIOLÊNCIA?

250

Os estudos sobre o tema também têm indicado determinantes pessoais, dos pares, familiares e culturais como fatores de risco para a perpetração da violência (VAGI et al., 2013). Achados desses estudos revelam que um adolescente pode ter maiores chances de praticar violência contra seu parceiro se:

- Tiver problemas de saúde mental, como depressão e ansiedade;
- Apresentar atitudes de aceitação da violência nas relações amorosas e tolerância à agressão em geral;
- Tiver comportamento violento, como brigas e comportamento antissocial generalizado;
- Abusar de de álcool;
- Tiver comportamento sexual de risco;
- Tiver envolvimento com pares antissociais e com interações hostis com o parceiro;
- Tiver relacionamento familiar empobrecido, como comunicação familiar prejudicada, exposição a maus-tratos na infância e à violência interparental; e
- For exposto à mídia agressiva.





Comparativamente aos estudos que examinam os fatores de risco para a perpetração da violência no namoro, há menos estudos que examinam os fatores protetivos para a perpetração. Indicamos abaixo o que as pesquisas indicam acerca dos fatores protetivos para a perpetração da violência no namoro (VAGI et al., 2013):

- Relacionamento positivo com a mãe;
- Empatia;
- Atitude crítica em relação à violência no namoro;
- Senso de conexão com a escola;
- Boas notas escolares; e
- Alta inteligência verbal.

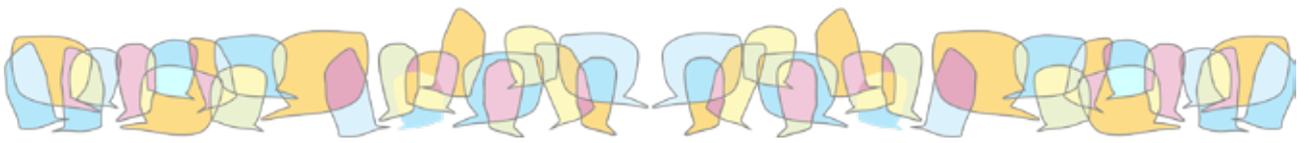
Considere sua experiência e as dos demais ao seu redor.



Fique de olho

- O que você percebe que está presente nas trajetórias de vida dos adolescentes que praticam e se submetem à violência no namoro?
- O que está presente nas trajetórias de vida daqueles que conseguem amar sem agredir e que conseguem se proteger e sair mais cedo de uma relação violenta?

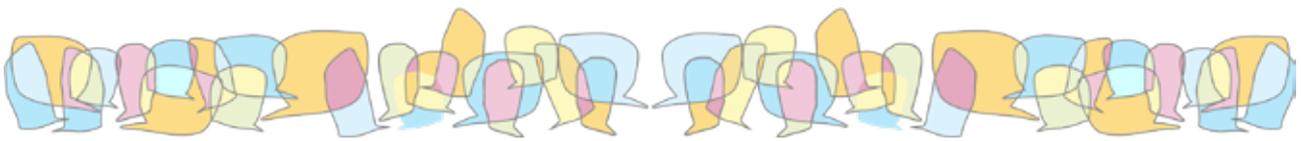




6. PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA NO NAMORO: COMO FAZER?

252





Até bem pouco tempo atrás, professor, inexístiam no Brasil iniciativas sistemáticas de prevenção à violência no namoro no Brasil (MURTA et al., 2013). As experiências que tínhamos eram restritas ao tratamento às vítimas de violência ou agressores, especialmente adultos. Hoje, algumas iniciativas em

contexto escolar já foram desenvolvidas (MURTA et al., 2013; MURTA et al., 2016; PRIOLO FILHO, 2017). Mas, ainda é necessário difundir amplamente, Brasil afora, o conhecimento e as ferramentas sobre como prevenir a violência no namoro. Esperamos que você seja “semente” conosco nesta empreitada!

SEMPRE É TEMPO DE PREVENIR A VIOLÊNCIA NO NAMORO

Podemos atuar preventivamente antes da violência ocorrer, quando há risco evidente para que ela aconteça ou quando ela está nas suas primeiras manifestações. São três os tipos de prevenção (Figura 1).

Em vista disso, a prevenção universal é dirigida a toda a população (por exemplo, pode-se intervir junto a todos os alunos da segunda fase do ensino básico de sua escola).

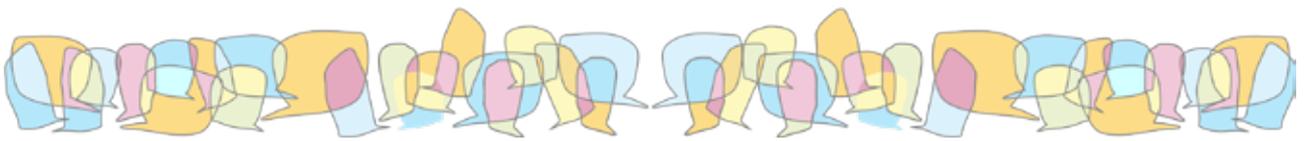
Figura 1: tipos de prevenção



Fonte: A autora, 2019.

Considerando essas informações, a escola é o contexto ideal para se fazer prevenção universal (daqui a pouco falaremos mais disto!), enquanto que, em outros equipamentos sociais, pode ser mais viável se fazer prevenção seletiva (como na Casa da Mulher Brasileira, quando as mulheres estão lá abrigadas com seus filhos) e a indicada (como nos Centros de Referência Especializada em Assistência Social, que podem atender adolescentes vítimas de violência).

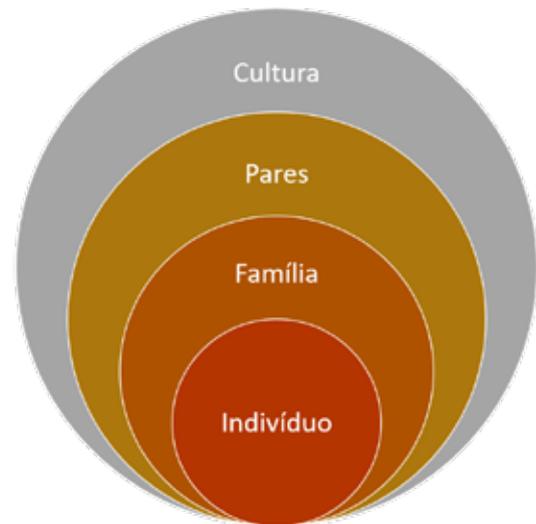




TODOS PODEM FAZER ALGO PARA PREVENIR A VIOLÊNCIA NO NAMORO

Como vimos, a violência no namoro é multideterminada, na medida em que fatores culturais, familiares, dos pares e pessoais aumentam o risco ou protegem do risco para a violência nas relações amorosas e afetivas entre adolescentes. Então, a prevenção à violência no namoro pode incidir sobre todos estes níveis de influência, compreendendo ações voltadas para mudanças de práticas culturais, da qualidade da relação familiar, das relações entre pares, e conhecimentos, atitudes e habilidades de vida do adolescente (Figura 2). Vejamos algumas ações de prevenção universal nesses vários níveis:

Figura 2: níveis de prevenção



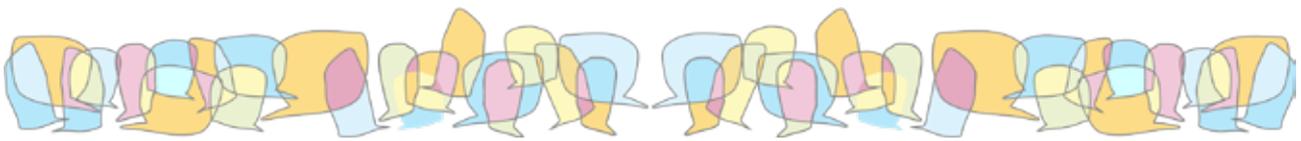
Fonte: A autora, 2019.

254

Nível cultural: estratégias de alcance macrossocial são extremamente necessárias para se reduzir fatores de risco culturais para a violência no namoro. Assim sendo, incluem-se, especialmente, políticas públicas e legislação voltadas para a equidade de gênero, a prevenção à violência em diferentes contextos, e a construção de uma cultura de paz e direitos humanos (MURTA et al., 2012). Tais estratégias podem ser traduzidas em serviços de saúde, de justiça, culturais e educacionais e outros que, quando implementados com estas diretrizes, enfraquecem a aceitação social da violência e atitudes pró-violência e oferecem suporte para o término da violência e a cultura de paz. À luz desse pensamento, a arte, a cultura e a mídia podem ser fortes aliadas no combate (como na promoção) à violência. Por consequência, figuras públicas, como artistas, jogadores de futebol, políticos e lideranças religiosas que se posicionam contra a violência ajudam a construir normas sociais de respeito mútuo e solidariedade.

Nível dos pares: as estratégias voltadas para os pares são perfeitas para a comunidade escolar, visto que elas buscam capacitar os adolescentes para serem fontes competentes de ajuda, ao melhorar a qualidade da amizade e promover a solidariedade na rede de amigos (SANTOS, 2016; SANTOS; MURTA, 2016; SANTOS; MURTA, 2017; SANTOS; MURTA, 2019). Frequentemente, os pares são buscados como fonte de ajuda, mas não sabem o que fazer para ajudar, seja por medo de piorar a situação, de perder a amizade ou sofrer retaliações do agressor. Você, como professor, tem um papel importante em tornar seus alunos mais preparados para, ao invés de serem testemunhos passivos e indiferentes, serem agentes de prevenção e oferta de ajuda a quem vive um namoro violento.





Nível familiar: os serviços que se dedicam ao fortalecimento de vínculos familiares contribuem diretamente para a melhoria da qualidade da relação familiar, da comunicação e coesão familiar. Desse modo, pais e filhos podem aprender a resolver conflitos sem agressão, a comunicar amor, a regular emoções negativas (como expressar desagrado e raiva sem abusar), desenvolver formas colaborativas de resolver problemas. Além disso, o casal pode melhorar a comunicação como cônjuges e reduzir a chance de que os filhos testemunhem violência entre eles. Assim, os herdeiros podem crescer em ambientes familiares mais apoiadores e solidários, livres de modelos violentos.

Nível individual: ações preventivas neste âmbito, em geral realizadas em escolas e universidades, compreendem fomentar conhecimento sobre violência, atitudes de não endosso a ela, pensamento crítico em relação à rigidez de padrões de masculinidade e feminilidade e habilidades de resolução de conflitos e manejo das emoções (MURTA et al., 2013).

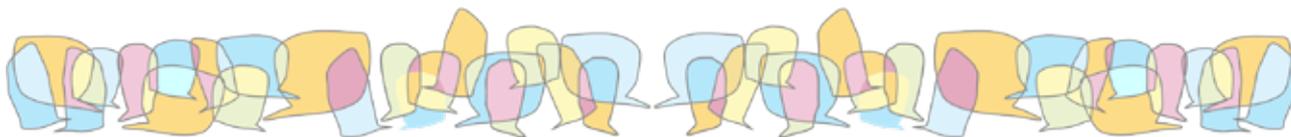
255



Para refletir

**A ESCOLA, POR MEIO DO CUMPRIMENTO DE SUA MISSÃO FINAL,
PODE CONTRIBUIR PARA PRODUZIR MUDANÇAS EM TODOS OS NÍVEIS,
DESDE O CULTURAL ATÉ O INDIVIDUAL.**

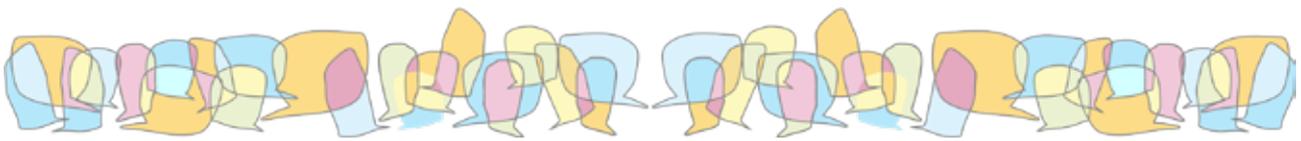




7. O QUE A ESCOLA PODE FAZER PARA PREVENIR A VIOLÊNCIA NO NAMORO

256





Contudo, esse alicerce precisa se somar a estratégias educativas direcionadas. Sendo assim, há várias estratégias focadas na promoção de fatores protetivos e redução de fatores de risco para a violência no namoro na escola que você pode considerar adotar em sua prática. Em nossa experiência, temos trabalhado com três opções: oficinas continuadas (MURTA et al., 2013; MURTA et al., 2016), oficinas breves (LEANDRO-FRANÇA et al., 2015) e educação de pares (SANTOS, 2016; SANTOS; MURTA, 2017; SANTOS; MURTA, 2019).

Oficinas continuadas: As oficinas continuadas são feitas ao longo de várias aulas (8 ou mais) e têm por objetivo favorecer habilidades de vida (MURTA, et al., 2009; MURTA et al., 2013; MURTA et al., 2016), isto é, habilidades para lidar com as demandas da vida na adolescência: autoconhecimento, pensamento crítico, tomada de decisão, solução de problemas, manejo das emoções e comunicação assertiva, entre outras. Essas oficinas também ajudam a reconhecer as diferenças entre namoros violentos e namoros saudáveis, mas, para além disso, facilitam que o adolescente reconheça e amplie seus recursos internos e externos para construir projetos de vida e se torne protagonista de sua própria existência, nos relacionamentos afetivo-sexuais e outros contextos relacionais. E isso, professor, pode fazer toda a diferença!



Para aprofundamento no tema habilidades de vida e sua relação com a saúde mental na adolescência, veja o artigo **Prevenção ao sexismo e ao heterossexismo entre adolescentes: contribuições do treinamento em habilidades de vida e habilidades sociais** (MURTA et al., 2010).

257

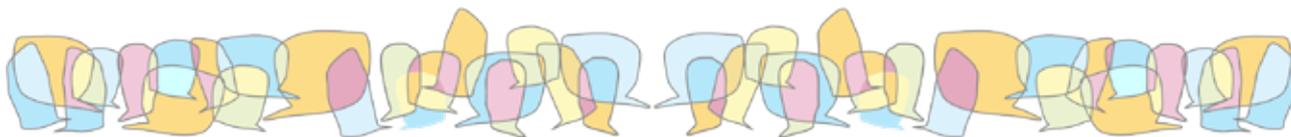
Estudos indicam que a construção de habilidades de vida ajuda o adolescente a fazer escolhas mais conscientes, a ampliar seu leque de ferramentas para resolver problemas sem ser pela via da autoagressão ou agressão ao outro, a manejar emoções negativas (como a tristeza, o ciúme e a raiva) sem se machucar

e machucar o outro, e a proteger-se de vários riscos à saúde, como abuso de substâncias, envolvimento em atos violentos e gravidez precoce (BOTVIN; GRIFFIN, 2015). Como você vê, professor, promover habilidades de vida é mais do que prevenir violência no namoro, é promover empoderamento e saúde!



Se você quiser aprender mais sobre oficinas continuadas centradas no ensino de habilidades de vida, professor, veja o livro **Diferenciando Badadas de Ciladas: um guia para empoderamento de adolescentes em relacionamento íntimos** (MURTA et al., 2011). Este material poderá subsidiar ações continuadas a serem inseridas no projeto pedagógico de sua escola, podendo envolver toda a comunidade escolar, ao longo de vários bimestres.





OFICINAS BREVES: AS OFICINAS BREVES FORAM DESENVOLVIDAS POR NÓS - MEUS QUERIDOS ALUNOS DE ESTÁGIO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA E EU - COMO UMA ALTERNATIVA DE MAIS BAIXO CUSTO PARA SER DESENVOLVIDA NA ESCOLA OU QUALQUER OUTRO ESPAÇO EM QUE EXISTAM ADOLESCENTES E NÃO SEJA VIÁVEL TER ENCONTROS CONTINUADOS. ELAS SÃO FEITAS EM ENCONTRO ÚNICO, COMO UMA AULA DUPLA, E TÊM O PROPÓSITO GERAL DE AMPLIAR A TOMADA DE CONSCIÊNCIA SOBRE A VIOLÊNCIA NO NAMORO E REDUZIR ATITUDES DE ACEITAÇÃO DA VIOLÊNCIA (LEANDRO-FRANÇA ET AL., 2015).



258



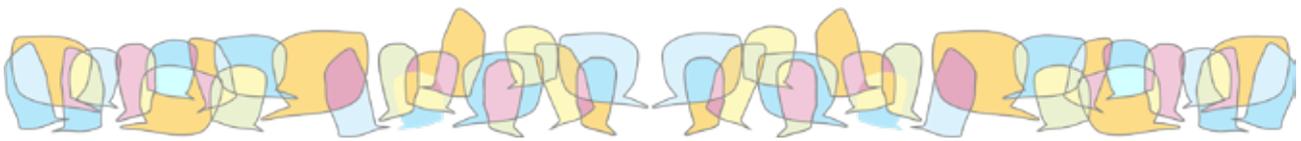
Saiba mais

Propomos que você, professor, conheça a **Oficina “nAMORO: Paixões que (não) valem a pena”** (MURTA et al., material não publicado), e considere fazê-la como atividade em alguma programação específica de sua escola em que houver afinidade com a temática.

Veja também se seria possível aplicar oficinas breves em outros contextos de sua cidade, como no grupo de jovens da igreja ou outros espaços comunitários. É apenas um encontro, um começo, que pode abrir portas e despertar para projetos mais duradouros.

Educação de pares: A educação de pares, no contexto da prevenção à violência no namoro na escola, consiste em preparar os adolescentes, a fim de que eles sejam fontes de ajuda competentes, quando forem atuar como conselheiros de seus amigos que vivem namoros violentos. Estudos com esse foco vem crescendo no mundo na última década (STORER; CASEY; HERRENKOHL, 2016), enquanto que, no Brasil, são ainda muito recentes (SANTOS, 2016; SANTOS; MURTA, 2019). Dessa forma, a adoção da educação de pares - para prevenir violência no namoro - se torna mais importante nas escolas brasileiras visto que, entre nós, amigos são a primeira fonte de ajuda buscada por adolescentes envolvidos em namoros violentos (SOARES; LOPES; NJAINE, 2013).





Contudo, nem sempre os amigos estão devidamente preparados para dar ajuda qualificada. Em razão disso, desenvolver estratégias educativas para que os adolescentes possam perceber quando um amigo está sendo vítima de violência no namoro, sentir-se mais confiantes ajudar e, por fim, dar conselhos capazes de aumentar o efeito protetivo sobre o amigo, é uma tarefa importante a ser feita em espaços educacionais (SANTOS; MURTA, 2016), como é o caso da escola. Promover, entre os adolescentes e adultos, habilidades para oferecer ajuda e pedir ajuda entre amigos favorece culturas solidárias. Esta é uma missão de toda a sociedade, incluindo educadores e instituições educacionais.

A ajuda que se dá aos amigos depende do estágio de mudança vivido pelo amigo em relação à violência no namoro. Há uma teoria chamada “Modelo Transteórico De Mudança” que vem sendo aplicada à violência no namoro, identificando cinco etapas: pré-contemplação (não reconhecimento da violência como um problema no relacionamento), contemplação (tomada de consciência sobre a violência), preparação (tomada de decisão sobre autoproteção), ação (implementação de ações para autoproteção, como terminar o namoro) e manutenção (como manter as ações para autoproteção e evitar recaídas (PARADA, 2017). Para cada estágio de mudança, os adolescentes precisam de conselhos diferentes, como revela a Figura 3.

Figura 3. Estágios de mudança vividos por amigos para autoproteção em relacionamentos abusivos



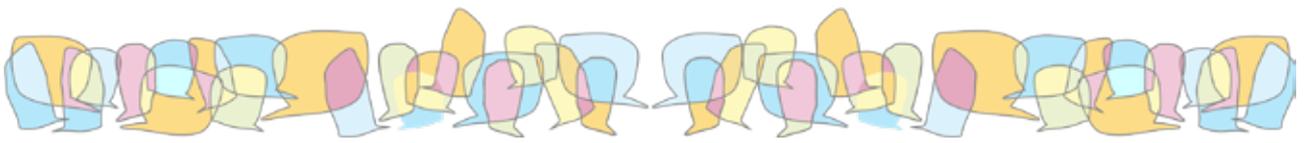
Fonte: A autora, 2019.



Saiba mais

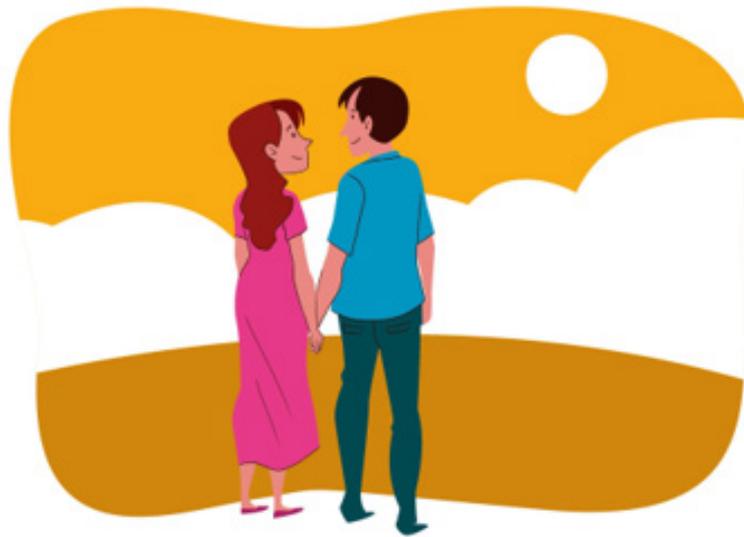
Entrevistamos jovens sobre como dar ajuda a quem vive namoros violentos e que tipo de ajuda recebida é mais efetiva conforme a percepção do amigo sobre como a violência o (a) afeta. Transformamos isto num conjunto de estratégias de ajuda sensíveis ao estágio de mudança vivido pelo amigo. **Confira aqui** e veja como assimilar isto nos projetos na sua escola, envolvendo os líderes de turma e o grêmio escolar.

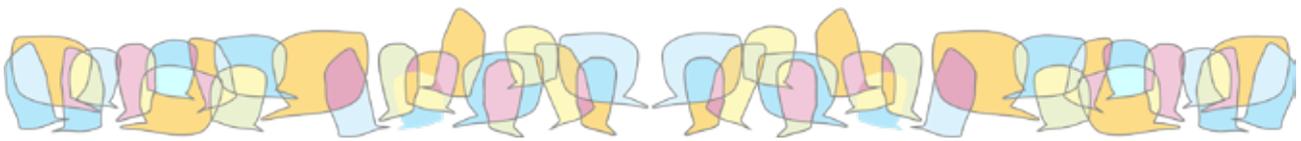




**8. UMA PALAVRA FINAL:
EM DEFESA DE AMORES QUE
NOS FAZEM FLORESCER!**

260





Por fim, se a prevenção falhar, é necessário acionar a rede de proteção ao adolescente, na escola e fora dela.

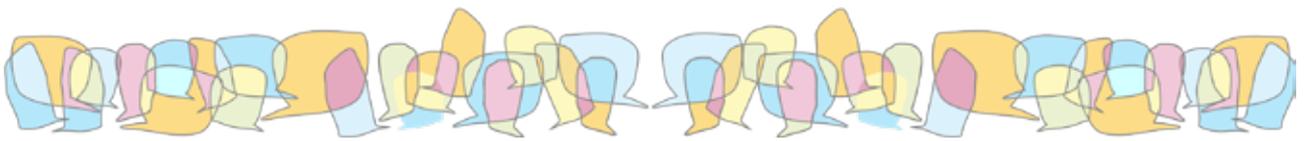
Dessa maneira, encaminhar os adolescentes para ajuda profissional e tratamento especializado pode ser necessário, considerando que uma das possibilidades é o término de namoros violentos (PARADA, 2017), mas isso é outra história, que ficará para outra oportunidade. Como não poderemos falar dela hoje, sugerimos o livro [Libertando-se de Namoros Violentos](#) (Murta et al., 2014). Parte dele está disponível no https://www.sinopsyseditora.com.br/upload/produtos_pdf/213.pdf em que discute o processo de término de namoros violentos e fomenta a tomada de consciência, tomada de decisão, e ações continuadas de autoproteção. Ele foi escrito para a pessoa que vive um namoro violento, mas pode ser útil para orientadores educacionais, além de profissionais de saúde. Prevenindo ou tratando, importa lembrar que todos nós merecemos amores que nos fazem florescer!

SHEILA GIARDINI MURTA
CARLOS EDUARDO P. L. RAMOS
THAUANA NAYARA G. TAVARES
EUDES DIÓGENES A. CANGUSSU
MARINA S. F. DA COSTA



UM GUIA SOBRE O ABANDONO
DE RELAÇÕES AMOROSAS ABUSIVAS





9. CONSIDERAÇÕES

FINAIS

Neste módulo, vimos que a violência no namoro é muito presente nos relacionamentos afetivo-sexuais de adolescentes brasileiros, bem como no mundo. Das formas de violência mais comuns, a violência psicológica é a primeira. Desse modo, relacionamentos amorosos violentos custam caro, com repercussões importantes na saúde mental e no desenvolvimento psicossocial de adolescentes e jovens. Em casos extremos, podem resultar em suicídios e homicídios.

262

Levando isso em consideração, viu-se – também – que a violência no namoro é multideterminada, uma vez que fatores culturais, familiares, dos pares e pessoais contribuem para a vitimização e perpetração da violência contra o parceiro íntimo adolescente.

Portanto, todos os espaços sociais, bem como todas as atores sociais, podem ser agentes de prevenção se promoverem práticas culturais com equidade de gênero e leis que combatam as múltiplas formas de violência; normas sociais por meio da mídia e figuras públicas que não banalizem, não endossem e não propa-

guem a violência; serviços que promovam vínculos familiares e reduzam as chances de que crianças e adolescentes sejam vítimas ou testemunhos de violência doméstica; e estratégias educacionais que incrementem uma cultura de solidariedade na comunidade escolar, por meio do cultivo de habilidades de vida, atitudes de não aceitação da violência como forma preferencial de resolução de conflitos e melhoria das relações de amizade na escola.

Desse modo, a escola é, por excelência, um espaço para se implementar ações de prevenção universal à violência no namoro, com oficinas continuadas, oficinas breves e educação de pares, envolvendo toda a comunidade escolar, tais como gestores, docentes, turmas inteiras, líderes de turma e grêmios escolares. Quando a prevenção falha, o tratamento é necessário. Assim, reconhecer e acionar a rede de proteção da escola pode ser crucial para se promover o desenvolvimento integral dos adolescentes e prevenir os danos de violências que podem iniciar na adolescência, manter-se na vida adulta e acompanhar gerações.





REFERÊNCIAS

ALDRIGHI, T. Prevalência e cronicidade da violência física no namoro entre jovens universitários do Estado de São Paulo, Brasil. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 6, p. 105-120, 2004.

BAKER, C.K.; HELM, S.H.; BIFULCO, K.; CHUNG-DO, J. The relationship between self-harm and teen dating violence among youth in Hawaii. **Qualitative Health Research**, v. 25, n. 5, p. 652 –667, 2015.

BARREIRA, A. K.; LIMA, M. L. C.; BIGRAS, M.; NJAINE, K.; ASSIS, S. G. Direcionalidade da violência física e psicológica no namoro entre adolescentes do Recife, Brasil. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 17, n. 1, p. 217-228, 2014.

BORGES, J. L. **esquemas iniciais desadaptativos**. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

BOTVIN; G. J.; GRIFFIN, K. W. Treinamento de habilidades para a vida. In: MURTA, S. G.; LEANDRO-FRANÇA, C.; SANTOS, K. B.; POLEJACK, L. (Org.). **Prevenção e Promoção em Saúde Mental: Fundamentos, Planejamento e Estratégias de Intervenção**. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2015. p. 405-418.

LEANDRO-FRANÇA, C.; BARLETTA, J. B.; MURTA, S. G.; TAVARES, T. N. G. Intervenções breves aplicadas à prevenção e promoção em saúde mental. In: MURTA, S. G.; LEANDRO-FRANÇA, C.; SANTOS, K. B.; POLEJACK, L (Org.). **Prevenção e Promoção em Saúde Mental: Fundamentos, Planejamento e Estratégias de Intervenção**. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2015. p. 341-368.

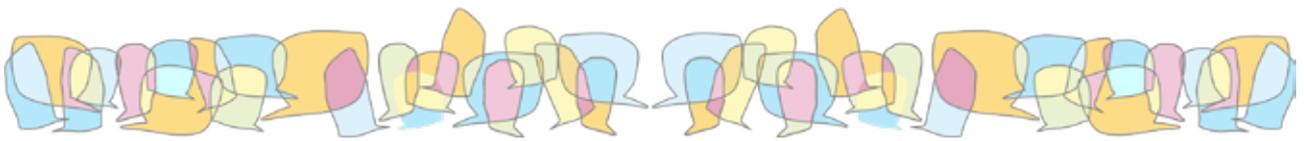
LEEN, E.; SORBRING, E.; MAWER, M.; HOLDSWORTH, E.; HELSING, B.; BOWEN, E. Prevalence, dynamic risk factors and the efficacy of primary interventions for adolescent dating violence: An international review. **Aggression and Violent Behavior**, 2013.

MURTA, S. G., SANTOS, B. R. P., NOBRE, L. A., OLIVEIRA, S. A., DINIZ, G. R. S., RODRIGUES, Í. O., MIRANDA, A. A. V., ARAÚJO, I, F., DEL PRETTE, A., & DEL PRETTE, Z. A. **Diferenciando baladas de ciladas: um guia para o empoderamento de adolescentes em relacionamentos íntimos**. Brasília: Letras Livres, 2011.

MURTA, S. G.; BORGES, F. A.; RIBEIRO, D. C.; ROCHA, E. P.; MENEZES, J. C. L. DE.; PADRO, M. DE M. E. Prevenção primária em saúde na adolescência: avaliação de um programa de habilidades de vida. **Estudos de Psicologia**, v. 14, n. 3, p. 181-189, 2009.

MURTA, S. G.; DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. Prevenção ao sexismo e ao heterossexismo entre adolescentes: Contribuições do treinamento em habilidades de vida e habilidades sociais. **Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente (Portugal)**, v. 2, p. 73-86, 2010.





MURTA, S. G.; DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z.; ZANELLO, V. Sexismo e heterossexismo: do impacto sobre a saúde às possibilidades de prevenção. In: VIANA, T. C.; FORTUNATO, L. C.; ZANELLO, V. (Orgs.) **Psicologia Clínica e Cultura Contemporânea**. Brasília: Liber Livro, 2012, p. 463-484.

MURTA, S. G.; LARA, L. E. A.; KONRAD, C.; TEIXEIRA, E. G.; MOURA, L. C.; SARDINHA, N. P. Brasília, Universidade de Brasília, material não publicado.

MURTA, S. G.; PIRES, M. P.; TEIXEIRA, E. G.; SCHETTINO, A.; ADORNO, N.; AMADO, M. Intimidade e apego no namoro: implicações de estudos de caso para prevenção à violência. , in press, 2019.

MURTA, S. G.; RAMOS, C. E.; TAVARES, T. N.; CANGUSSÚ, E. D.; COSTA, M. **Libertando-se de namoros violentos**. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2014.

MURTA, S.G.; MOORE, R.A.; MIRANDA, A.A.V.; CANGUSSÚ, E.D.A.; SANTOS, K.B.; BEZERRA, K.L.T.; VERAS, L.G. Efeitos de um programa de prevenção à violência no namoro. **Psico-USF**, v. 21, n. 2, p. 381-393, 2016.

264

MURTA, S.G.; RAMOS, C.E.P.L.; TAVARES, T.N.G.; CANGUSSÚ, E.D.A.; COSTA, M.S.F. Desenvolvimento de um website para prevenção à violência no namoro, abandono de relações íntimas abusivas e apoio aos pares. v. 7, n. 2, p. 118-132, 2014.

MURTA, S.G.; SANTOS, B.R.P.; MARTINS, C.P.S.; OLIVEIRA, B. Prevenção à violência no namoro: uma revisão de literatura. v. 6, p. 117-131, 2013.

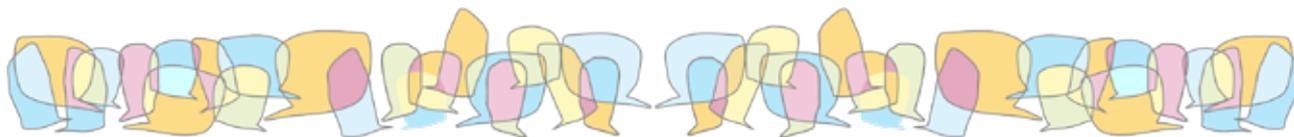
MURTA, S.G.; SANTOS, B.R.P.; NOBRE, L.A.; ARAÚJO, I.F.; MIRANDA, A.A.V.; RODRIGUES, Í.O.; FRANCO, C.T.P. Prevenção à violência no namoro e promoção de habilidades de vida em adolescentes. **Psicologia USP**, v. 24, p. 263-288, 2013.

NASCIMENTO, F.S.; CORDEIRO, R. L. M. Violência no namoro para jovens moradores de Recife. **Psicologia & Sociedade**, v. 23, n. 3, p. 516-525, 2011.

OLIVEIRA, Q. B. M.; ASSIS, S. G. DE.; NJAINE, K.; OLIVEIRA, R. V. C. de. Violência nas relações afetivo-sexuais. In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; NJAINE, K. (Orgs.), **Amor e violência**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011. p. 87-139.

OLIVEIRA, Q. B. M.; ASSIS, S. G. de; NJAINE, K.; PIRES, T. O. Namoro na adolescência no Brasil: circularidade da violência psicológica nos diferentes contextos relacionais. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, n. 3, p. 707-718, 2014.





PARADA, P. O. **O processo de término de namoros violentos e transição para novas**
Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

PRIOLO FILHO, S. R. **Violência no namoro: avaliação de um programa de prevenção.**
Tese (Doutorado em Psicologia) - Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017.

SANTOS, K. B. **Mobilizando comportamentos de ajuda na rede de amizades: uma estratégia de prevenção à violência no namoro baseada nos pares e na abordagem do espectador.** Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

SANTOS, K. B.; MURTA, S. G. Influência dos pares e educação por pares na prevenção à violência no namoro. *v. 36, p. 787-800, 2016.*

SANTOS, K. B.; MURTA, S. G. Rede social, qualidade da amizade e prevenção à violência entre parceiros amorosos na adolescência: da teoria à prática. In: SANTOS, M. A.; D. BARTHOLOMEU, D.;

MONTIEL, J. M. (Orgs),
São Paulo: Vetor, 2017. p. 151-184.

SANTOS, K. B.; MURTA, S. G. Peers as agents of dating violence prevention: feasibility analysis of an intervention. **Temas em Psicologia**, v. 27, n. 3, in press, 2019.

SOARES, J. S. F.; LOPES, M. J. M.; NJAINE, K. Violência nos relacionamentos afetivo-sexuais entre adolescentes de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil: busca de ajuda e rede de apoio. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 29, p. 6, 1121-1130, 2013.

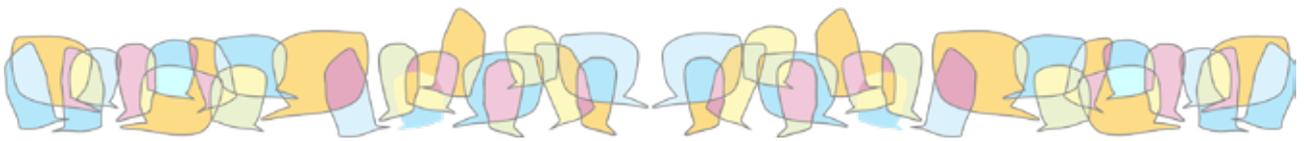
STORER, H. L.; CASEY, E.; HERRENKOHL, T. Efficacy of bystander programs to prevent dating abuse among youth and young adults: a review of the literature. **Trauma, Violence, & Abuse**, v. 17, p. 256-269, 2016.

VAGI, K. J.; ROTHMAN, E. F.; LATZMAN, N. E.; THARP, A. T.; HALL, D. M.; BREIDING, M. J. Beyond correlates: a review of risk and protective factors for adolescent dating violence perpetration. **Journal Youth Adolescence**, v. 42, p. 633-649, 2013.

WORLD HEALTH ORGANIZATION/LONDON SCHOOL OF HYGIENE AND TROPICAL MEDICINE.

action and generating evidence. Geneva, World Health Organization, 2010.





AVALIAÇÃO

AVALIAÇÃO OBJETIVA

Coloque V ou F:

1. () A violência no namoro ocorre apenas em famílias de baixa renda.
2. () A modalidade de violência no namoro mais comum no Brasil é a emocional.
3. () Figuras públicas, que propagam a violência, são um fator de proteção para a violência.
4. () A prevenção à violência no namoro dispensa ações focadas nas políticas públicas.
5. () Oficinas de promoção de habilidades de vida podem ser oferecidas como prevenção universal à violência no namoro na escola.

266

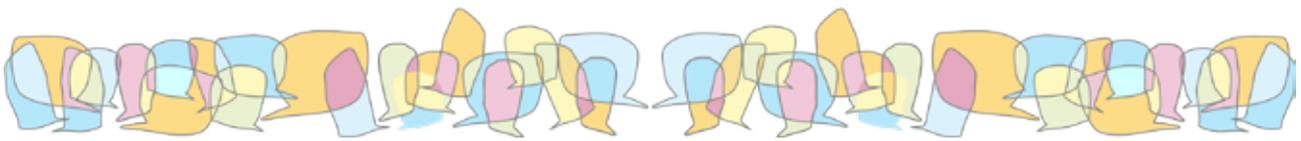
ATIVIDADES NOS FÓRUMS

Prezado professor, traga para nossa discussão uma letra de música que aborde a violência no namoro e enumere uma ou mais possibilidades de usá-la como recurso didático para fomentar o pensamento crítico dos discentes e reduzir atitudes de tolerância à violência.

ATIVIDADE PRÁTICA

Propomos que você reflita sobre as referências de relações amorosas na sua vida e implemente uma atividade da oficina breve “nAMORo: Paixões que (não) valem a pena” (MURTA et al., material não publicado ANEXO 3): a atividade que descreve heranças familiares recebidas e heranças familiares que se deseja manter. Veja:





“HERANÇAS FAMILIARES”

Como seus pais (ou outras pessoas importantes na sua vida) se relacionam?

Uma das coisas que faz com que as pessoas aprendam a tolerar ou a praticar violência contra o (a) parceiro (a) é ter convivido com cuidadores (pai e mãe ou outros que cumprem o papel de pai/mãe para você) que se maltratavam ou se maltratam, seja por meio de palavras ou ações. Mas, é importante você saber que nem todas as pessoas que convivem com pais violentos se tornam violentas no namoro, posto que nós podemos receber “heranças” (aqui, queremos dizer modos de agir aprendidos com os pais) que podem ser mantidas e outras que podem ser mudadas.

Mesmo sendo parecidos, somos diferentes de nossos pais ou das pessoas que nos criam. Assim, propomos, agora, que você avalie quais das heranças deixadas pelas pessoas importantes em sua vida (em termos do modo como se tratavam ou se tratam como casal) você quer levar para suas relações amorosas e quais você quer transformar. Nesse caso, considere a convivência como casal de seus pais, ou padrinhos, ou avós, ou irmãos/cunhadas, irmãs/cunhados ou outros que você considere seus pais de verdade. Há coisas legais no modo de eles se tratarem que você gostaria de ter em seu namoro? Há coisas ruins que você não gostaria que se repetissem em sua relação?

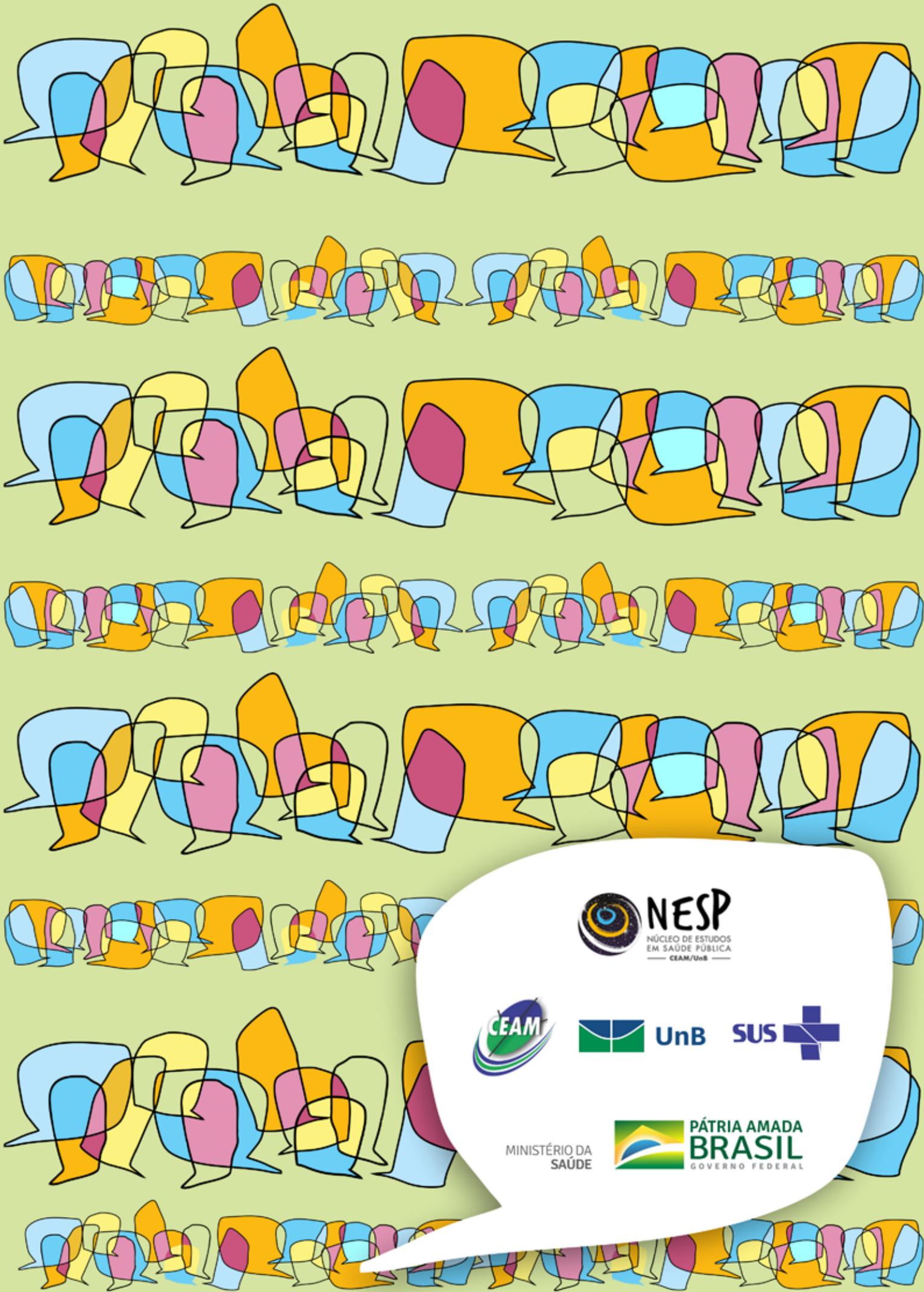
Heranças que quero manter	Heranças que quero mudar
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____

Cultive as boas heranças e esteja atento às heranças que você não quer manter. Converse com seu (sua) parceiro (a) sobre isso e peça ajuda a ele (a).

Materiais extras

Gostaríamos de te apresentar uma ferramenta on-line que desenvolvemos, em colaboração com a Universidade de Maastricht, Holanda, para aconselhamento de adolescentes e jovens que estão namorando, chamada **SOS Namoro**. O objetivo dela é melhorar a qualidade do namoro e prevenir maus tratos entre os parceiros. O aconselhamento é personalizado, isto é, as orientações consideram o perfil do participante (se é homem ou mulher, se tem estilo de vinculação afetiva seguro ou inseguro, se vive uma relação violenta ou não violenta, dentre outros). Para usar, o aluno precisa ter acesso à internet. É gratuito e pode ser acessado em: www.sosnamoro.geppsvida.com.br (Apoio Financeiro: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq).





MINISTÉRIO DA
SAÚDE



SOBRE OS AUTORES

RACKYNELLY ALVES SARMENTO SOARES

Docente do IFPB. Doutora em Modelos de Decisão e Saúde (UFPB), Mestre em Modelos de Decisão e Saúde (2012). Possui graduação em Tecnologia em Geoprocessamento pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (2008). Atua como pesquisadora do Núcleo de Estudos em Saúde Pública (UnB) na avaliação de políticas de iniquidades e na análise de situação de saúde. Membro da equipe editorial da *Tempus Actas de Saúde Coletiva*. Atualmente, colabora na Universidade Federal da Paraíba, no Núcleo de Estudo em Saúde Coletiva como docente. Integrante do grupo de pesquisa do Observatório da Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo e da Floresta. Tem interesse em modelos de decisão como árvores de classificação, em sistemas de informações em saúde, em Sistemas de Informações Geográficas, em Bancos de Dados Geográficos, em geoprocessamento aplicado à saúde, em big data. Desenvolve estudos epidemiológicos. Membro do grupo de pesquisa “Ensino: teorias e práticas na educação básica”, sediado no IFPB - Campus Sousa.

ANDRÉ RIBEIRO DA SILVA

Doutor e Mestre em Ciências da Saúde, Especialista em Atividade Física para Grupo Especial e Gestão Pública, Graduado em Educação Física e Pedagogia. Professor de curso de especialização na Universidade de Brasília, Instituto de Cardiologia do Distrito Federal e Instituto Tratos, graduação em multidisciplinar na Universidade de Brasília e graduação em Educação Física, Enfermagem e Psicologia na Faculdade Linear. É pesquisador na Universidade Federal do Rio Grande do Norte e Universidade de Brasília. Consultor Ad hoc da Fundação de Apoio a Pesquisa do Distrito Federal (FAP-DF) e da Fundação de Empreendimentos Científicos e Tecnológicos (Finatec). Consultor Ad hoc de periódicos científicos nacionais e internacionais. É membro do Conselho Editorial da Editora Atena. É membro de Comissão de Publicação da Revista do Centro de Estudos Avançados e Multidisciplinares da Universidade de Brasília. É membro do Colégio Europeu de Ciências do Esporte. Tem experiência como coordenador e revisor pedagógico de cursos e disciplinas na modalidade a distância, pela Universidade de Brasília, Centro de Educação a Distância, Fundação Oswaldo Cruz e Fundação de Empreendimentos Científicos e Tecnológicos. Tem experiência na área de TICs, Educação, Educação Física e Saúde Coletiva.

MARIA FATIMA DE SOUSA

Doutora Honoris Causa pela Universidade Federal da Paraíba, com pós doutorado pelo Centre de Recherche sur la Communication et la Santé (ComSanté), da Université du Québec à Montréal (UQAM). Doutora em Ciências da Saúde pela Universidade de Brasília (UnB), mestre em Ciências Sociais pela UFPB, especialista em Saúde Coletiva e graduada em Enfermagem pela UFPB. Professora Associada do Departamento de Saúde Coletiva, da Faculdade de Ciências da Saúde da UnB, de onde foi diretora da Faculdade de Ciências da Saúde (2014-2018). Implantou e foi a primeira coordenadora do Mestrado Profissionalizante do Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva e ex-coordenadora do Núcleo de Estudos em Saúde Pública (NESP), da UnB, e lá implantou a Unidade de Estudos e Pesquisas em Saúde da Família (UEPSF). Ex-vice-presidente da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO). Foi gerente nacional do Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS) e assessora no Programa Saúde da Família (PSF), junto ao Ministério da Saúde (1994-2001). Atuou como consultora nas Secretarias Municipais de Saúde e do Verde e Meio Ambiente, ambas em São Paulo. Tem experiência no campo da Saúde Coletiva, com ênfase em políticas públicas de saúde, modelos de atenção à saúde e gestão de sistemas locais de saúde.

JITONE LEÔNIDAS SOARES

Doutorando em Ciências da Saúde (UnB), Mestre (UnB) e Licenciado em Educação Física pela Universidade de Brasília (UnB); Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão de Educação a Distância (UFF); Especialista em Inovação em Mídias Interativas (UFG) e Especialista em Gestão Pública (UFG). Especialista em Educação Aberta e Digital pela Universidade Aberta de Portugal (UAberta) e Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Professor orientador e Membro do Comitê Gestor do curso de Especialização em Saúde da Família do programa de Pós Graduação da Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília. Atuou como Professor substituto dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física da Universidade de Brasília (FEF-UnB). Experiência docente enquanto professor do curso de Licenciatura, Bacharelado em Educação Física e no Núcleo Docente Estruturante (NDE) do curso de Licenciatura em Educação Física modalidade a distância em faculdade particular do Distrito Federal. É Professor do Magistério Superior Voluntário no Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares - CEAM / Núcleo de Estudos em Educação e Promoção da Saúde. Tem experiência em Educação a Distância no terceiro setor, público e privado. Participou da implementação e gestão dos cursos pioneiros em Educação Física a distância da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília (FEF-EaD-UnB). Atuou como gerente e coordenador de produção de cursos online no Centro de Educação a Distância da Universidade de Brasília CEAD-UnB, Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília / Universidade Aberta do SUS e Fundação para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico em Saúde - (FIOTEC). Tem 12 anos de experiência em planejamento, implementação e gestão de projetos de EaD na graduação, pós graduação e extensão na UnB, UniR e UniFAP. Participou da idealização dos cursos online do programa de voluntariado do Governo Federal para a copa do mundo da FIFA Brasil 2014 para o Ministério do Esporte. Atuou em projetos para o Ministério da Educação - Programa Pró Licenciatura,

UAB - Universidade Aberta do Brasil, Conselhos Escolares e INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Ministério da Justiça, Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, Ministério da Saúde, Ministério do Trabalho e Emprego, Coordenadoria de Capacitação e Educação - PROCAP-UnB, Agência Nacional de Vigilância Sanitária - ANVISA entre outras instituições. Criou a Escola Virtual da Associação Nacional dos Auditores da Receita Federal (EV-ANFIP). Tem interesse por: Educação a Distância, Inteligência Artificial, Chatbot, Bigdata, Educação Física, Exercícios Físicos, Lazer e Qualidade de Vida, AVC - Acidente Vascular Cerebral - E-mail: jitone@unb.br

ANA VALÉRIA MACHADO MENDONÇA

Professora Associada do Departamento de Saúde Coletiva, da Universidade de Brasília (UnB). Pós doutora em Comunicação em Saúde, pelo Centre de Recherche sur la Communication et la Santé (ComSanté), da Université du Québec à Montréal (UQAM). Possui doutorado em Ciência da Informação pela UnB, mestrado em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, especialização em Administração da Comunicação Empresarial e graduação em Jornalismo e Relações Públicas. Atualmente é coordenadora do Mestrado Profissional em Saúde Coletiva e do Núcleo de Estudos em Saúde Pública da UnB (NESP/CEAM/UnB). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Informação em Comunicação em Saúde Coletiva (CNPq-Brasil). Coordenou o Centro de Tecnologias Educacionais Interativas em Saúde, da Faculdade de Ciências da Saúde (CENTEIAS/FS). Foi consultora em projetos de inclusão digital para o Ministério das Comunicações. Tem experiência nas áreas das Ciências da Informação e da Comunicação com ênfase em Comunicação da Informação, atuando principalmente nos seguintes temas: informação e comunicação em saúde, tecnologias da informação e comunicação em saúde, inclusão digital, alfabetização em informação e em comunicação, redes e mídias sociais e ensino a distância.



MINISTÉRIO DA
SAÚDE

